

**Retorno às raízes?
Narrativas de integração de espírito-santenses na
E/imigração contemporânea na Itália**

*Maria Cristina Dadalto
Universidade Federal do Espírito Santo
mcdadalto@gmail.com*

Abstract

In the last quarter of the nineteenth century was a large concentration of foreigners, especially Italians, to be settled in Espírito Santo. At the end of the twenty century, the movement is reversed. But who are these people from Espírito Santo departing and departed? How they live or are living in the land of their ancestors? What relations are established between the spaces of emigration and immigration? To understand these questions the aim is to identify narratives of displacement movement of the colonies of Italian immigration of the Espírito Santo to Italy, the movement of "return" of descendants to the land of their *nonni* and *nonne*. To this end, oral history interviews were conducted, focusing on trajectories of women and men who depart, trying to understand the impacts on relationships established within immigration.

Keywords: Imaginary, Immigration, Emigration, Italian-Capixabas; Oral History.

Na esperança consciente-ciente não há debilidade, mas uma vontade que determina: assim que tem de ser, assim há de ser. Nela, o traço do desejo e da vontade irrompe energicamente, o intensivo na superação e nas transcendências (Bloch, 2005, I: 146)

Passados mais de um século da grande imigração em massa de italianos para o Brasil, muitos descendentes permanecem a redesenhar o roteiro utópico de seus antepassados – cujo traçado os leva de volta à Península Itálica. Alimentam na alma a esperança de transcender um padrão de conforto tido como não confortável. Mantêm-se, assim, em constante movimento tendendo ao futuro, ao desejo de uma mudança que na contemporaneidade pode ter motivações diversas, segundo a condição sociocultural do sujeito ao qual se busca conhecer.

São centenas de milhares de ítalo-brasileiros nascidos nas regiões colonizadas por imigrantes italianos que começaram a partir no último quartel do Vinte a se incorporar ao fluxo global dos imaginários de migrantes dos vários cantos do planeta. Compõem, desse modo, juntamente com africanos, orientais, árabes, latino-americanos, dentre outros povos e etnias, um horizonte de culturas que põem em xeque estereótipos e promovem novos mecanismos de integração e diferença. Engendram cotidianamente neste contexto conhecimentos que constituem “*um conjunto de narrativas obtidas por meio de aproximações parciais, em muitos pontos divergentes*” (Canclini, 2003, p. 43).

No que é concernente especificamente ao processo emigratório de brasileiros, estudos produzidos por Carvalho (1996) indicavam mais de um milhão residindo no exterior. Estimativas mais atuais produzidas pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE) e publicadas em 2011, informam 3.122.813, destes 911.889 na Europa. Sendo que 85 mil, 9,32%, destes emigrantes brasileiros residem na Itália.

Bogus e Bassanesi (1996) elucidam que uma parcela dos que participam desse movimento dirigem-se à Itália por opção, outros por dificuldades para entrar em países que escolheram como primeiro local de destino. Esclarecimento reafirmado por estudos conduzidos por Beneduzi (2009) e Povia Neto (2005), que têm demonstrado que da segunda metade dos anos 1980 até o presente, os brasileiros migrantes foram ampliando e modificando suas expectativas temporais, assim como as conexões entre as sociedades de origem e destino, constituindo uma nova categoria: os transmigrantes.

Neste sentido, cabe perguntar: qual a trajetória que seguiram? Essa trajetória está vinculada a uma memória transmitida por seus antepassados? Qual a representação que estes emigrantes têm acerca do acolhimento esperado no local de destino? No caso específico da Península Itálica, identifica-se um importante movimento de partidas dos ítalo-brasileiros em direção às regiões do Vêneto e do Friuli Venezia Giulia e à província de Trento.

Em grande parte dos casos, o ponto de partida desses emigrantes são as antigas regiões de imigração italiana em Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e do Espírito Santo, contudo, cabe observar, que não há números que qualifiquem esse processo. Bem como, não há levantamentos que indiquem a trajetória percorrida – pesquisas qualitativas produzidas sobre a migração sinalizam que muita vez o trajeto do local de origem ao destino final pode ser desenhado por roteiros diversos tanto dentro do Brasil como em outros continentes.

Neste artigo discute-se um e/imigrante distinto no movimento contemporâneo de partida: o descendente de imigrantes italianos assentados no Brasil do Dezenove, mais especificamente no Espírito Santo, que se dirige para a terra de seus ancestrais e retorna para sua terra de origem. Muitos deles crescidos em zonas de forte influência de uma cultura étnica vinculada à terra de proveniência dos ancestrais. Um descendente que se apropria da epopeia imigratória e que assume como familiares as ações dos ancestrais: “*quando nós viemos da Itália*” (Vilaça e Dadalto 2003).

Entrementes, na fricção entre a expectativa elaborada no projeto imigratório, associada às imagens que são ressignificadas nesse mergulho familiar para recompor o vínculo com o ancestral imigrante e a experiência vivida na terra de chegada, é relevante observar as leituras e narrativas que esses sujeitos tecem sobre suas condições de descendentes imigrantes na Itália.

Nessa direção, Monteiro (1994) alerta sobre a necessidade de estudar o emigrante a partir de uma perspectiva na qual se considere o diversificado e o contraditório. Isto porque, as estratégias de assentamento irão variar conforme o sujeito envolvido no processo: se há aquele que busca integrar-se à sociedade de destino, apagando os vestígios de sua origem, há também o que opta por utilizar sua etnicidade com vistas a fugir dessa integração.

Esta prevenção proposta por Monteiro está vinculada a valorização de dois aspectos relacionados à experiência e/imigratória: ambivalência da situação dipolar do sujeito ao viver entre duas culturas; e a adaptação desse sujeito duplo – um imigrante e emigrante, conforme Sayad (2000) – que se reveste de um investimento econômico e simbólico em vários espaços, e que afeta sua relação com o outro cotidianamente.

Neste sentido, o presente artigo visa estabelecer um esforço de interpretação sobre a dinâmica desse processo imigratório e emigratório, a partir de depoimentos realizados com descendentes de italianos residentes no Espírito Santo que realizaram o movimento de ir para a Itália e retornar ao Brasil. Um imigrante-emigrante, portanto, imerso no sentido e no sentimento de ser estrangeiro: no real-imaginário da terra narrada por seus *nonnos* e *nonnas* e no real-imaginário de sua terra de nascimento. Um duplo, apontado por Monteiro (1994), Sayad (2000, 1998), Schultz (2010), dentre outros, e a cada época reinterpretado, ressignificado, inclusive, e, sobretudo, pelo próprio e/imigrante.

Processo que nos impulsiona a tecer as diferentes narrativas como uma trama complexa dentro da qual alojam-se sujeitos diversos – portanto, diverso olhar de mundo, diversa idade, diversos gêneros, diversas experiências – e que, segundo Bourdieu (2006), se colocam e se deslocam. Para tal, elegeu-se o método da história oral visando apreender o percurso desses e/imigrantes de diferentes sexos e idades que viveram na Itália e retornaram ao Espírito Santo. O nosso objetivo é mergulhar nas experiências individuais do processo e/imigratório, entendendo cada momento dessa deslocação – partida, viagem (trânsito), chegada – como um espaço-tempo de produção de memórias, de representações e de identidades.

* * *

A trama que começa a ser tecida é resultado da biografia de três informantes – Pedro, Mariana e João. Três diferentes experiências de vida no Espírito Santo: Pedro nasceu e viveu até os 18 anos em Jaguaré, na região Norte, e, na Itália, morou com a mãe, na cidade de Vedelago (Veneto) entre 2008 e 2010; Mariana, moradora de Vitória, capital do Estado, geograficamente localizada no Centro, se mudou em 2008, com o marido, para a Comuna de Trento. Quanto a João, também nato de Vitória, emigrou para Sarone, localizado na Província de Pordenone, em 2006.

Entre os três, algumas proximidades são observadas, sobretudo no contexto sociocultural: Pedro tem descendência italiana paterna e materna, Mariana e João, materna; os pais de todos eles são nascidos no interior do Estado, sendo que um permanece residindo no interior. Os outros se deslocaram para Vitória no período da grande migração do rural para o urbano que marcou o Espírito Santo nos anos de 1970.

Há, entretanto, entre várias dessemelhanças, sobretudo, nas questões relativas à busca emigratória, idade e formação: Pedro, um adolescente de 17 anos à época da partida, filho de pequenos produtores rurais, havia completado o segundo grau quando viajou para visitar a mãe que já residia – e permanece – na região do Vêneto. Mariana, formada em jornalismo, foi para a Itália realizar um curso de especialização e acompanhar o marido que fazia programa de doutorado. João foi à procura de emprego. Processos e experiências e/imigratórias que se diferenciam em objetivos e estilos de vida dos informantes entrevistados.

As semelhanças localizam-se no campo do período e/imigratório, a partir da segunda metade da década de 2000, de tempo de permanência – entre um e quatro anos –, e um sentimento/desejo: a experiência na Itália foi valiosa, mas não o suficiente para permanecerem imigrantes. Ao contrário, os três fizeram o caminho de retorno da Itália para o Brasil e não têm uma proposta de retornar à Península Itálica a não ser para atividade turística.

Desse modo, por meio desses depoimentos começamos a levantar indícios, reavaliar nossa apreensão do processo e/imigratório no presente e ressignificá-lo, articulando-o a ligações objetivas e subjetivas de pelo menos três gerações de descendentes. Compreendemos, portanto, a e/imigração como um fato social total, emaranhada em contextos plurais, multifacetados, que transita em múltiplas áreas do conhecimento e perpassa várias gerações. Trama de uma tecedura que principia a ser desenhada neste artigo.

Assim, escolhi destacar e analisar um lugar da memória – o das relações socioculturais estabelecidas no espaço de imigração. A memória, aqui, representa um espaço privilegiado do processo consciente e inconsciente da experiência vivida, seja pelas práticas, costumes, crenças e proibições experienciadas como pelos pensamentos e ideias não refletidos. Geertz, citando Bruner, (2001, p. 171) assevera que “*Contar histórias, sobre nós mesmos e sobre os outros, a nós mesmos e aos outros, é a maneira mais natural e mais precoce de organizarmos nossa experiência e nosso conhecimento.*”

Elegi esta questão porque chama atenção sobre como as narrativas contemporâneas possuem simultaneamente tantas similaridades e distinções. Vinculam-se a uma perspectiva que no ajuizar de Augé (2010) corresponde a uma mobilidade sobremoderna, na qual há um redesenhar das fronteiras

e zonas, que se caracterizam como a face invisível da mundialização que não podemos, não queremos e não sabemos ver.

Começamos com a narrativa de Mariana, cuja avó materna veio para o Brasil já no fluxo migratório do início do século XX e que pouco falava a língua portuguesa – manteve-se conversando em dialeto italiano. Uma tia-avó de Mariana foi a personagem responsável por falar sobre a vida da avó e isto, segundo a depoente, sempre de maneira fragmentada. Desse modo, a história de sua ascendência italiana existia em sua memória; contudo, o constructo da trajetória imigratória não era organizado e o imaginário constituído povoava-se de perguntas simbólicas que Mariana buscava conhecer. Fato que se manifestava por meio de um desejo latente e inconsciente de ir para a Europa, para a Itália e que se revelou por meio do percurso profissional que escolheu: ao concluir o curso de Jornalismo, iniciou o de Letras- Italiano.

Um roteiro forjado em relatos variados da ideia de uma Itália imaginada, mas que não encontrou ressonância na real. *“Eu achei que a minha adaptação fosse ser muito mais fácil [...]. Eu acho que a coisa que foi mais difícil, é que o estereótipo que a gente tem do italiano, é do italiano do sul, que são aquelas pessoas, né, de família, que te abraçam, [...]”*, narra Mariana.

Ao segredar que acreditava numa adaptação mais fácil, Mariana sinaliza a latência guardada na memória de conhecer a história desconhecida da origem materna. A história que daria sentido ao mundo da avó, da mãe e por conseguinte, dela própria. Isto fica demonstrado ao fazer suas escolhas educacionais. Indo para a Itália acreditava que estaria em casa, num local de acolhimento emocional e político que a avó fez questão de resguardar.

Para Mariana, contudo, um dos aspectos dificultadores de sua integração foi a percepção de preconceito “racial” e de gênero dos italianos com quem conviveu:

[...] eu senti muito preconceito por ser mulher. [...]. Eu vi muito preconceito contra negro, eu vi muito preconceito contra estrangeiro, eu ouvi coisas absurdas de pessoas inclusive, cultas, que falam línguas, que viajaram. Mas como eu sou, é... brasileira, o único problema é se eu estivesse sozinha. [...] Associam a imagem da brasileira (risos) com a da prostituta.

A narrativa demonstra que sua representação guardava uma imagem idílica da Itália, na qual não havia espaço para as relações contemporâneas, marcadas por fronteiras físicas e imaginárias de apartamento, de distanciamento, de preconceito. No contexto de destino, todo processo de abstração da Itália imaginada construído ao longo de sua história como descendente rompeu-se. Na sua experiência do sensível, o preconceito apresenta-se como uma descontinuidade a toda a representação de um povo hospitaleiro, elaborada nas narrativas do senso comum e significadas e ressignificadas oral e artisticamente. O que expressa ao afirmar que este sentimento está além do ser brasileira.

A fala de Mariana demonstra assim toda a sua dificuldade – e podemos afirmar do emigrante como um todo – de deslocamento de sua atuação como mera observadora para a possibilidade de se tornar membro de um grupo naquela sociedade (Schütz, 2010). Dessa forma, o padrão cultural da sociedade de destino deixa de ser uma construção subjetiva, permeada por uma polifonia de narrativas sobre a Itália dos imigrantes do último quartel do XIX e início do XX, disseminada oralmente e por meio impresso e visual junto à população do Espírito Santo, para se tornar um segmento que ela terá de dominar por meio de ações objetivas.

Entretantes, na vida de Pedro, a Itália foi sempre muito presente, mesmo com o mutismo de seus avós que se recusavam a falar sobre suas raízes. Histórias, muita vez, esquecidas para recomeçar, o que no ajuizar de Weirnrich (apud Valery, 2001, p. 206) reflete uma necessidade do pensamento que *“tem o esquecimento como condição essencial de seu papel no agir”*. Experiências guardadas no silêncio dos hábitos, da alimentação, das orações dos avós, mas assimiladas por seu pai, que fascinado pela história de vida de seus antepassados e conterrâneos imigrantes, transformou-se no guardião da memória da família.

Pedro, porém, foi para a Itália em busca de um reencontro com a mãe, que havia emigrado há mais de seis anos:

Eu tinha terminando o meu ensino médio e meu ensino técnico; ainda estava decidindo o que fazer de faculdade... A minha mãe já estava (morando) na Itália e surgiu a oportunidade de eu ir visitá-la. Chegando lá, por um tempo eu fiquei com ela e acabei gostando do lugar. Consegui, também, uma oportunidade de emprego...

A decisão de emigração da mãe de Pedro – que fez o movimento migratório sozinha e o deixou ainda adolescente morando com o pai – estava relacionada à tentativa de mudança de vida. A família estava passando por uma crise financeira e a mãe buscou na Itália a possibilidade de ganhar dinheiro e poder voltar. Ao visitá-la, Pedro decidiu solicitar os documentos da cidadania italiana e depois permanecer na cidade trabalhando.

Minha mãe morava na cidade de Vedelago [...] e trabalhava numa fazenda de carne que era uma das maiores do norte da Itália. [...] E eles precisavam de uma pessoa para abrir e fechar o portão da fazenda... e o chefe me contratou [...] eles chamam o brasileiro de esforçado porque eles não vão atrás do maquinário e se o maquinário não tem, não fazem. [...]. E ele [...] viu que os brasileiros estão acostumados a fazer, a não esperar que aconteça, cair do céu.

Segundo Pedro, o chefe da fazenda lhe confessou que inicialmente ele tinha muito preconceito e não contratava imigrantes brasileiros para trabalhar. As funções em geral contratadas para o trabalho na fazenda são, segundo o depoente, relacionadas a trabalhos que não exigem qualificação: limpar, abrir e fechar porteira, entre outras. Desse modo, a narrativa de Pedro apresenta um contraponto à de Mariana.

Pois, se para ela brasileiro não sofre preconceito “racial”, fala de outro grupo de brasileiros, o grupo de pessoas qualificadas ao qual Mariana pertence – o que nos remete a pensar nas diferenças das experiências nas histórias de vida da sociedade. Por outro lado, também nos possibilita analisar o espectro que ronda a população de desqualificados, que neste caso, mesmo sendo brasileiros sofrem o mesmo ou similar preconceito que Mariana identificava nos italianos com relação aos despossuídos.

Ainda falando sobre o preconceito, neste caso complementando a narrativa de Mariana, Pedro destaca:

O que eu mais escutei na Itália, que achei ridículo, e não foi de um, mas de várias pessoas é [...] “Mas como que você é brasileiro se você é branco?”. Entendeu? [...] Eles não têm uma mente aberta de que o brasileiro é todo mundo...

Por meio da metáfora “mente aberta” Pedro expressa seu desconforto com relação ao padrão cultural da vida do grupo no qual estava inserido como migrante. Completamente distante da realidade da região em que vivia no Brasil, o pensar e agir dos italianos indica toda uma inabitualidade de expressão com a qual Pedro nunca havia se deparado, até por ser branco. Porém, a narrativa de Pedro pode e deve ser relativizada tendo em vista sua idade, sua experiência na Itália – trabalhava numa fazenda, distante da cidade de Vedelago, as amizades tecidas –, mas nos conduz novamente à perspectiva de Schütz ao ponderar que para o estrangeiro, o padrão cultural do grupo ao qual ele tenta se incluir é um campo de aventuras, uma situação problemática e difícil para dominar.

João, por sua vez, constrói uma narrativa que em muitos aspectos se aproxima da apresentada por Pedro e em outros com a de Mariana. Neto de imigrantes italianos, emigrou para a Itália para trabalhar e para conhecer o país em 2006: “Saber como são as raízes, conhecer a minha descendência, de onde que veio meu avô”. Mas para ele aqueles foram tempos difíceis:

Eu não sabia falar italiano, não conhecia ninguém, não conhecia o país, e você sair do Brasil para entrar na Europa sem conhecimento de nada, é complicado. Então a maior dificuldade foi falar a língua e ter alguém para te dar um suporte [...] como eu já tinha alguém lá, ficou um pouquinho mais fácil.

Nesse sentido, a língua se apresentou como um fator a dificultar sua interpretação e compreensão daquele e naquele ambiente. De acordo com Schütz (apud William James, 2010), toda palavra e toda sentença é cercada por orlas conectadas, de um lado, com elementos passados e futuros do universo do discurso e, de outro, com valores emocionais e implicações irracionais. Assim, considerando a idade do depoente – e circunscrito a ela sua maturidade emocional e intelectual, em tal processo sua dificuldade linguística, e cultural, foi suplantada pela necessidade de se manter na Itália.

Apesar de muitas palavras serem parecidas, é muito diferente. Para me adaptar ao lugar, adaptar a língua, foi meio complicado. Mas não é difícil, não; basta persistência [...] eu tinha que ter dinheiro pra me sustentar, teria que pagar aluguel.

A metáfora “persistência”, utilizada por João, sinaliza o esforço psíquico e emocional a que ele se propôs, para superar e, conseqüentemente, conseguir sobreviver na Itália. Isto porque, assevera Schütz, na posição de estrangeiro e recém-chegado ele não compreende o sistema completo do padrão cultural daquela sociedade, sentindo-se como se estivesse dentro de um labirinto. Dentro dele, do labirinto, não se sente protegido nem abrigado e, além disso, seu senso de direção encontra-se confuso.

Exprime também a necessidade financeira de se inserir no grupo social. E para tanto, para se manter, João trabalhou como pedreiro – profissão muito distante do roteiro que havia construído imaginariamente, o qual negou-se a delatar na entrevista.. Para ele, a Itália era a possibilidade de mudar de vida e foi em busca dessa esperança, travestida para ele na expressão “oportunidade”, que se fundamentou simbolicamente seu projeto emigratório. Sentimento que revela melancolicamente:

Como a gente tá indo pra lá pra tentar uma vida nova, a gente não conhece o país, então as oportunidades são só essas que eu consegui. [...] (emigrar) É uma ilusão pra muita gente que pode estudar, que tem condições de melhoria com as escolas [...] Então eu acho que é muito mais vantagem ficar no Brasil hoje do que lá fora.

Nada obstante, apesar de ter se desiludido em seu projeto emigratório, João avalia que a sociedade italiana acolhe bem as pessoas. Mas, contraditoriamente, considera “difícil fazer amizade com os italianos, mas quando eles passam a gostar de você, depois que te conhecem, sabem que é brasileiro, se torna muito mais fácil.” Sua narrativa reflete assim um desejo de manter um vínculo com o sonho acalentado de encontrar uma Itália imaginária – cujo sentido foi construído nas histórias contadas e recontadas por seus avós – e a realidade aprendida no cotidiano do imigrante obrigado a manipular as ferramentas da profissão de pedreiro, da sobrevivência. Experiência que se reveste de um conteúdo simbólico e emocional que evidencia o sentimento de ser um duplo: emigrante e imigrante.

* * *

A tecedura da trama e/imigratória é ordenada por meio de uma rede de trajetórias, relações sociais, sentimentos e estratégias entrelaçadas em meio a um contar e recontar de narrativas expressas de variada forma e por diversas gerações no Brasil e na Itália. Nela estão incrustadas as relações históricas, sociais, culturais, econômicas, geográficas, políticas e psíquicas, e suas interações, concernentes ao espaço físico e imaginário na qual o sujeito imergiu.

Representa também, de modo próprio conforme a época migratória e o sujeito ou grupo que dela participa, a contextura da ambivalência do ser e/imigrante. Sonhos, projetos, desejos e roteiros

concebidos racional e emocionalmente para serem realizados num espaço imaginário – até por que ele não conhece a realidade de ser um estrangeiro, tal como é no cotidiano – se desestruturaram e se reestruturaram de acordo com a experiência vivida.

Neste sentido, as narrativas de Pedro, João e Mariana indicam que suas expectativas de encontrar a Itália imaginada – elaborada na aventura épica contada por seus antepassados – foram confrontadas com o real ordinário no qual se estabeleceram. Abalando, dessa maneira, o ideal interpretativo construído acerca das possibilidades e experiências positivas que seriam vivenciadas na terra dos antepassados. Assim, num lugar onde imaginavam iriam pertencer ao mundos dos “iguais”, descobriram-se prosaicamente estrangeiros.

Referências

- Augé**, Marc, 2010, *Por uma antropologia da mobilidade*, Maceió, Edufal.
- Beneduzi**, Luís Fernando, 2009, Identità ibride: dinamiche immigratorie brasiliane nell'Italia contemporanea, *Naveg@mérica, Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas* V, 2: 1-16.
- Bloch**, E., 2005, *O princípio esperança*, Rio de Janeiro, UERJ/Contraponto, Vol.1.
- Bógus**, Lúcia M., **Bassanezi**, M. Silvia, 1996, Do Brasil Para A Europa: Imigrantes Brasileiros Na Península Itálica Neste Final de Século, *Anais do X Encontro Nacional de Estudos Populacionais*: 893-991.
- Bourdieu**, Pierre, 2006, A ilusão biográfica. Em Ferreira, M. de M., Amado, J., (Orgs), *Usos & abusos da história oral*, Rio de Janeiro, FGV: 76-80.
- Canclini**, Néstor Garcia, 2003, *A globalização imaginada*, São Paulo, Iluminuras.
- Carvalho**, J.A.M., 1996, O saldo dos fluxos migratórios internacionais do Brasil na década de 80. Uma tentativa de estimação, *Anais do X Encontro Nacional de Estudos Populacionais*: 189-200.
- Geertz**, Clifford, 2001, *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Ministério das Relações Exteriores**, 2011, *Brasileiros no Mundo – Estimativas*. Recuperado em 02 de julho de 2012, <http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/BRMundo/pt-br/file/Brasileiros%20no%20Mundo%202011%20-%20Estimativas%20-%20Terceira%20Edi%C3%A7%C3%A3o%20-%20v2.pdf>
- Monteiro**, Paulo Filipe, 1994, *Emigração: o eterno mito do retorno*, Oeiras, Celta Editora.
- Povoa Neto**, Hélio, 2005, A descoberta da imigração: o caso italiano e a transição no contexto das migrações internacionais, *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*: 1252-1260.
- Sayad**, A, 1998, *A imigração*, São Paulo, Edusp.
- _____, 2000, O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante, *Revista do Migrante*, XIII, número especial: 7-32.
- Schütz**, Alfred, 2010, O estrangeiro: um ensaio em psicologia social, *Revista Espaço Acadêmico* 113: 117-129.
- Vilça**, Adilson, **Dadalto**, M. Cristina, 2003, *Trajatória: trabalho solidário do imigrante italiano no ES*, Vitória, Textus.
- Weirnich**, H, 2001, *Lete: arte e crítica do esquecimento*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Maria Cristina Dadalto, PhD in Scienze Sociali presso la Universidade do Estado do Rio de Janeiro, è Professore presso il Dipartimento de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em História da Universidade Federal do Espírito Santo/ Brasil. Ricercatrice del FAPES (Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo) e del CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), ha collaborato a pubblicazioni specializzate sull’immigrazione italiana nello stato di Espírito Santo. Autrice del libro *A imigração*

tece a cidade: polo industrial de Colatina, è coordinatrice del LEPVI (Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Violência Urbana e Fluxo Migratório).